



Resistência Camponesa

Jornal da Luta Combativa
dos Camponeses Pobres

Número 18

Março/2010

www.resistenciacamponesa.com

Valor: R\$ 1,00

LCP presta homenagem a camponeses assassinados



Manifestação nas ruas de Jaru
Janeiro de 2010

Nesta edição:

**Seminário debate a produção nas
áreas da Revolução Agrária**

Leia mais - pág. 08



Trabalho coletivo na colheita de arroz - área Raio do Sol

Camponeses cortam terras	04
Sigamos o exemplo dos heróis do nosso povo	10
Missão de investigação e solidariedade visita Acre e Rondônia	16
A traição da direção do MST	18
Trabalhadores de Buritis enfrentam a operação Arco de Fogo	19
Entrevista com Carlos Latuff.....	20
Só o povo organizado vai acabar com o analfabetismo!	22
Dia Internacional da Mulher Trabalhadora	24

Abaixo a criminalização do movimento camponês!

Editorial

O ano de 2009 foi, sem dúvida, marcado por um aprofundamento da criminalização do movimento camponês em todo país, levada a cabo pelo velho e podre Estado brasileiro sob a gerência de Luís Inácio, através principalmente da “Operação Paz no Campo” encabeçada pela Ouvidoria Agrária com Gercino José da Silva Filho à frente, das ações do Poder Judiciário puxado pelo STF e seu presidente Gilmar Mendes e do Poder Legislativo tendo na senadora Kátia Abreu (PFL/DEM) a mais desbocada representante, tudo instigado e acobertado de forma sistemática pela imprensa mentirosa, manipuladora e sensacionalista.

Na região amazônica, particularmente no Pará e em Rondônia, que esta repressão se fez sentir de forma mais intensa através da operação Arco de Fogo que atuou em várias áreas dos dois estados, atacando o que chamam de “crimes ambientais” atingindo principalmente as pequenas e médias cidades. No caso do Pará a operação “Paz no Campo” dirigida pela Ouvidoria Agrária e pelo governo de Ana Julia Carepa (PT) resultou na morte de 13 camponeses, desde 2008. Recentemente outra investida do governo federal, agora com o ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes a frente, foi um mutirão para despejar dezenas de acampamentos na região de Marabá/Pará. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina, as ações do judiciário e da polícia por colocar na ilegalidade o MST e na cadeia seus integrantes, bem como a histeria da imprensa tem se dado através de sucessivos episódios.

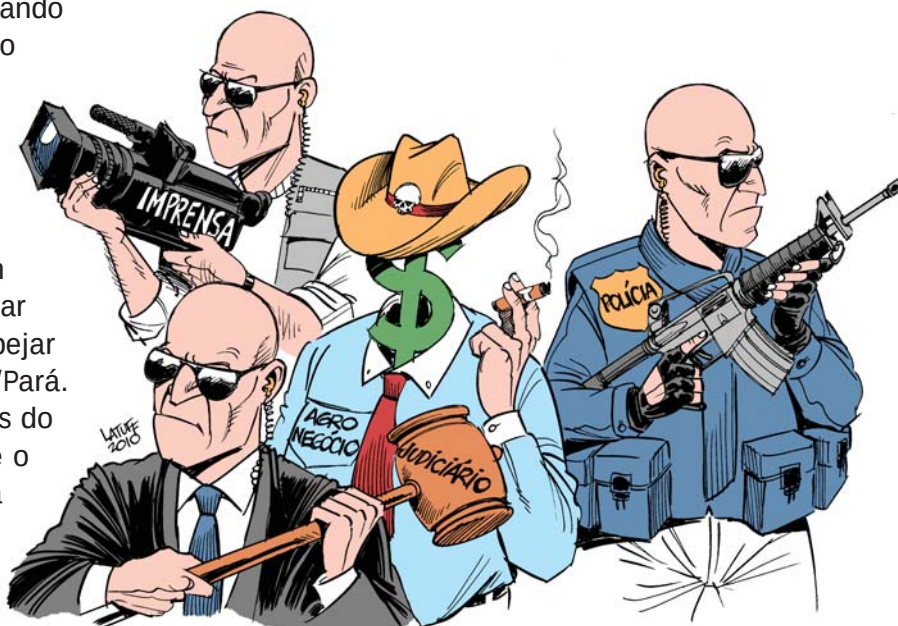
Enquanto isto nenhuma palavra ou ato sobre toda a brutalidade e genocídio praticada pelos bandos armados do latifúndio, que sempre em cooperação e acobertados pela polícia, cometem assassinatos e desaparecimentos de camponeses e suas lideranças. Da mesma forma sobre as ações sistemáticas movidas pelo aparelho policial com despejos violentos, prisões, espancamentos, seguidas de roubo ou destruição de casas, roças e criações dos camponeses. A não ser para justificar tais crimes, instigar sua prática e criminalizar o povo em luta.

Em Rondônia a aplicação da política ambiental criminoso a serviço do imperialismo levou a população de várias cidades a protestar contra os abusos e humilhações do Ibama e Força Nacional de Segurança. Principalmente em Rio Pardo, Buritis e Extrema, as mais atingidas pelo desemprego, as revoltas contra essas ações covardes vem impondo derrotas aos seus objetivos imediatos de reprimir e intimidar a população.

O aumento da organização de bandos armados e grupos paramilitares a serviço do latifúndio são ataques vingativos ao avanço da Revolução Agrária. A prisão de um grupo de extermínio em Jaci-Paraná, formado por policiais militares que assassinaram pelo menos cinco camponeses e ameaçaram outros dois em União Bandeirantes, é um exemplo de como o aparato militar está a serviço dos grandes proprietários de terra e de como utilizam de forma

sistemática e cada vez mais a tortura e assassinatos para garantir seus interesses. Ao contrário do que afirmam, que policiais atuando como pistoleiros seriam casos isolados ou uma exceção, na verdade é uma regra. Seguramente este bando faz parte do mesmo esquema que seqüestrou, torturou e assassinou covardemente dois coordenadores da LCP em Buritis, em dezembro passado, a mando do latifundiário grileiro Caldato.

O fato é que mesmo diante de toda esta repressão os camponeses em várias partes do país, ainda que de forma espontânea e com pouca organização, persistem nas tomadas de terra e aplicam a linha de cortar a terra imediatamente, sem esperar pelo Incra e passando por cima das direções oportunistas, principalmente do MST.



O avanço da luta pela terra e a completa falência da chamada “reforma agrária do governo” e as crescentes revoltas populares que explodem em todos os cantos do país estão na base dos ataques e campanhas de criminalização, perseguições, prisões e assassinatos ao movimento camponês combativo. São sinais de que a contradição entre latifundiários e camponeses pobres sem terra longe de amenizar segue se agudizando. Em ano eleitoral e de crise econômica os grandes latifundiários lutarão entre si, cada grupo tentando se manter no controle do gerenciamento dos governos estaduais e federal.

Em Rondônia Raupp/Confúcio, Cassol, Gurgacz/PT todos querem o governo estadual para garantir os interesses econômicos dos grupos que representam, jamais os interesses do povo.

O assassinato brutal dos camponeses Elcio e Gilson em Rio Alto são parte de uma nova ofensiva do latifúndio para deter a luta pela terra em Rondônia. Mas longe disso, só aumentam ainda mais o ódio, a decisão e coragem dos camponeses pobres para erguer ainda mais alto a bandeira da Revolução Agrária para destruir o latifúndio parte por parte em todo o país, cortando e entregando as terras, produzindo e defendendo suas preciosas conquistas com unhas e dentes.

Cartas

Lutamos por nossa terra

Sou do Acampamento Raio do Sol. Quando chegamos aqui não tinha nada, só capoeira. Hoje temos lavoura de café, arroz, feijão, milho e vários tipos de frutas. Criamos galinha, porco e gado. Construímos um barracão que serve como igreja e escola para jovens e adultos.

O que mais me revolta é quando teve despejo. Os policiais vieram e destruíram tudo. Queimaram nossas casas e nossas plantações. Além disso, eles nos trataram como bandidos e vagabundos. Somente indo em um acampamento para vocês verem o sofrimento do povo e suas mãos calejadas.

Vagabundos e bandidos vamos virar é se formos morar na cidade. Sem qualificação, quem é que vai nos dar trabalho? Por isso, lutamos por nossa terra! Somente assim teremos o pão e saciaremos nossa fome!

Verônica, Raio do Sol – Ariquemes/RO



Celebração dos 14 anos da heróica resistência camponesa de Corumbiara em agosto de 2009 - Palmares D'Oeste. O CODEVISE - Comitê de Defesa das vítimas de Santa Elina se prepara para retomar a fazenda em 2010.



Pichação nos muros de Porto Velho após assassinato dos camponeses Elcio e Gilson.



Leia, divulgue e defenda o jornal

Não estamos sozinhos

Queria agradecer aos companheiros do MEPR da UNIR de Porto Velho e que possamos sempre contar com eles. Recentemente tive problemas de saúde e pude contar com o companheiro Danilo, seus pais e irmãos, pessoas muito bacanas que nos deram todo apoio, o Reinaldo e o Vilmar. Tudo é mais difícil para quem vem do interior, sem condições financeiras, não conhece a capital direito, tudo é longe... Aprontaram a casa deles para ficarmos. Chegamos e as consultas e exames já estavam todos bem encaminhados. O médico que me atendeu no hospital é professor de um deles, considero um dos melhores médicos, como a muito tempo não via. Ficamos 4 dias almoçando na UNIR por conta dos companheiros.

Ficaram até de arrecadar a passagem de ônibus de volta, mas não precisou. Também contei com o apoio de um companheiro da LCP que me acompanhou todo o tempo.

Às vezes pensamos que estamos aqui abandonados. Estamos abandonados sim pela burguesia e seus governantes. Mas na luta camponesa não estamos sozinhos. Às vezes não vemos os companheiros, mas eles estão acompanhando nosso sofrimento. E eles também sofrem com oportunistas no meio deles. Temos que unir forças para a luta seguir adiante. Só temos que agradecer a bondade e atenção que tiveram, mesmo sem nos conhecer. Queria deixar um abraço a todo este pessoal que nos apoiou de forma tão especial.

Seu João, Raio do Sol – Ariquemes/RO

Camponeses da área Oziel Luna cortam as terras

No dia 16 de agosto, 33 famílias organizadas pela LCP entraram em parte das terras da fazenda Condor no município de Nova Mamoré, um dos maiores latifúndios da região. Camponeses e pequenos comerciantes de Jacinópolis conscientes da importância da luta pela terra apoiaram com alimentos, roupas, ferramentas, calçados, lona, combustível, etc.

Seguindo o exemplo de outras áreas, as famílias iniciaram o corte popular das terras no dia 9 de novembro com a participação de homens e mulheres, culminando com a entrega dos lotes no dia 11 de novembro de 2009.

Durante o sorteio dos lotes muitos camponeses ficaram emocionados com a conquista de seu pedaço de terra, muitos deles alimentaram este sonho por toda a vida e só se realizou com organização e luta. Uma decisão importante da Assembléia do Poder Popular da área foi a de garantir um lote pra a família de Oziel Luna, lembrado pelos camponeses que orgulhosamente escolheram seu nome para homenagear mais uma conquista contra o latifúndio.

As famílias também organizaram o trabalho coletivo para derrubar em todos os lotes e garantir o início do plantio. De imediato já foram plantados arroz, milho, cacau, café e banana. Também foi através do trabalho coletivo que abriram uma estrada provisória com aproximadamente 6 km ligando os lotes à BR421.

No início de dezembro a polícia ambiental, que possui uma base operacional dentro da área do latifúndio, tentou despejar as famílias que com muita decisão e organização se mantiveram nas terras.

Assassinos de Oziel continuam impunes

No 24 de novembro de 2007 foi assassinado o camponês Oziel da Silva Luna, o Carequinha, de 28 anos.

Oziel era acampado na região de Jacinópolis e estava se preparando para produzir em seu lote. Ele estava em Buritis quando policiais civis a paisana em carro particular começaram a persegui-lo pelas ruas da cidade. Como Oziel não possuía carteira de habilitação não quis parar e durante a perseguição acabou caindo de moto.

Ao invés de prestar socorro, os policiais fizeram dois disparos a queima roupa que atingiram sua cabeça, provocando sua morte. Seu corpo foi levado pela polícia para Porto Velho e no laudo médico não constavam os disparos e sim que a morte teria sido provocada pelo acidente de moto.



Celebração do dia do pais na área José e Nélio

Área José e Nélio (Jacinópolis / Buritis)

As mulheres da área José e Nélio organizaram festas do dia das mães, dia dos pais e dia das crianças. Tiveram almoços coletivos, celebrações, homenagens, teatro, músicas, sorteio de presentes, exibição de filmes e forró. A decoração era feita com murais da luta, faixas e bandeiras.



Camponeses da área Oziel Luna no início da tomada de terras

Participaram em média 150 pessoas do José e Nélio e áreas vizinhas, como Capivari e Jacinópolis. Todos contribuíam na arrecadação dos ingredientes e na preparação da alimentação e atividades culturais.

As idéias destas festas foram amadurecidas na reunião do núcleo do MFP - Movimento Feminino Popular nas áreas José e Nélio e Capivari, em julho passado. Atividades culturais, esportivas, de recreação e de integração são tarefas do MFP e são importantes para aumentar a união entre as pessoas.

Áreas Raio do Sol e Canaã

O ano de 2009 foi de muita luta, trabalho, união e conquistas dos camponeses das duas áreas vizinhas, localizadas na divisa de Ariquemes e Theobroma e que têm ao todo 160 lotes.

Hoje tem saído um caminhão carregado de banana por

mês do Canaã e a previsão para breve é de aumentar para dois caminhões.

Uma comissão de camponeses do Canaã, Raio do Sol e LCP cercaram o prefeito de Ariquemes em Theobroma e exigiram a estrada para transportar as crianças para a escola e para escoar a produção, a compra de produção dos camponeses e materiais para a alfabetização de jovens e adultos. Depois, com apoio do diretor da Escola Municipal Mafalda Rodrigues, 8 ativistas reuniram-se com secretários de Ariquemes. Até agora, o que os camponeses conseguiram de concreto foi um ponto na feira de Ariquemes para venderem seus produtos.

No final de novembro houve um grave acidente no Canaã, que por pouco não acaba em tragédia: o ônibus que faz a linha deslizou e caiu de uma ponte, ferindo o motorista e a cobradora. A culpa não é da chuva, todo ano chove nesta época, todos sabem disto. A culpa é dos governantes que fazem as obras mal feitas para sobrar mais recursos para eles desviarem.

Os camponeses estão atentos, porque ninguém mais confia nestes políticos eleitoreiros. Eles são bons em prometer e fazer demagogia, mas o povo só consegue seus direitos com muita luta.

Uma máquina contratada com recursos arrecadados dos camponeses do Canaã está fazendo uma estrada na área.

Camponeses resistem a ameaças de despejo

Em agosto o juiz de Ariquemes Danilo Augusto Paccini assinou mais uma liminar de despejo para o Raio do Sol. Os camponeses se prepararam para resistir e contaram com o apoio de camponeses do Canaã que ofereceram casa e alimentação, se dispuseram a reforçar a segurança,



Construção da estrada do Canaã



Transporte escolar garantido com organização e luta

a vigiar as estradas e a soltar foguetes para avisar a entrada de estranhos na área.

A união entre as duas áreas já vem de longa data. Camponeses do Raio do Sol ajudaram seus companheiros do Canaã a fazer segurança para defender a área de possíveis invasores. Em 2006, após o último despejo do Canaã, vários pistoleiros ficaram tomando conta da área. Mas eles foram expulsos por camponeses das duas áreas unidos. Depois, os camponeses do Raio do Sol deram mais um importante apoio, desta vez numa reunião que desmascarou a comissão da época, que era mais uma “comissão” porque vivia de comer o dinheiro de venda dos lotes. A partir desta reunião, e depois com a direção da LCP, os camponeses do Canaã expulsaram a “comissão” e entregaram os lotes para cada família que puderam então começar a produzir.

Ainda existe ameaça de despejo para o Raio do Sol, mas os camponeses seguem resistindo. Esta disposição impediu outros despejos passados. Este espírito de luta tem garantido a terra para as famílias viverem e trabalharem. Não tem sido justiça nem gerentes do velho Estado, é o povo organizado na Revolução Agrária que tem o poder de conquistar seus direitos!

Terra Boa / João Batista



Almoço coletivo durante dia dos pais - área José e Nélio

Ficam em Rio Crespo os acampamentos Terra Boa, formado em outubro de 2007, e João Batista, criado em janeiro de 2009. Durante todos estes anos os camponeses tem enfrentado, junto aos vizinhos da área Lamarquinha, vários ataques do latifúndio e seus pistoleiros, já denunciados em edições anteriores do Jornal Resistência Camponesa. O pior de todos foi o atentado contra o líder camponês Pelé, no dia 12 de março de 2009, a mando da latifundiária Maria Della Libera, que se diz proprietária das terras do João Batista. Pelé foi atingido com dois tiros na perna e escapou por pouco de ser assassinado. Segundo informações de acampados, recentemente Maria Della Libera, se fazendo de arrependida, confessou que seu filho foi o responsável pelo atentado e tentou defendê-



lo dizendo que ele tinha bebido muito.

Os camponeses sabem que não podem confiar na justiça para condenar os responsáveis por tantos ataques.

No dia 24 de janeiro de 2010, José Pierre esteve no acampamento pessoalmente, acompanhado de 6 pistoleiros e ameaçou retirar os camponeses



Celebração do dia das mães na linha 3 em Jacinópolis

na marra. Na tarde do mesmo dia um homem esteve no acampamento dizendo que estava a mando de José Pierre e de um juiz para trabalhar num plano de manejo e fazer um novo plano. É desnecessário dizer que a maioria destes planos de manejos são falsos.

Camponeses mudam para seus lotes e começam a produção

O fato recente mais importante no acampamento João Batista foi a mudança das famílias para seus lotes. Os camponeses cansaram de esperar pelo Incra e a reforma agrária falida do governo e agora estão animados, construindo seus barracos, plantando milho e arroz.

Gonçalo (Machadinho D'Oeste)

Em outubro de 2009 o Incra fez mais uma de suas promessas para as famílias do acampamento Gonçalo continuarem acampados na beira de estrada: “– Não se preocupem, até o final do ano o Incra vai entregar estas terras e vocês vão passar o natal no seus lotes!” Só esqueceram de falar o natal de qual ano.

Pelé foi atingido por 2 tiros a mando da latifundiária Maria Della Libera



Desiludidos com o Incra, no início de fevereiro os acampados começaram a fazer o corte popular das terras e a distribuir os lotes de 21 alqueires. Já começaram a construir os barracos e a mudar cada família para sua terra.

Depois de anos acampados, este é um importante passo dos camponeses do Gonçalo na luta contra o caminho oportunista de esperar pelo Incra.

Mulheres da área Terra Boa na celebração do 8 de março - 2009

Camponês é assassinado em Candeias do Jamari

No dia 29 de dezembro de 2009 o camponês Gildézio Alves Borges, conhecido como “Neguinho”, foi assassinado com dois tiros enquanto lavava panelas num riacho próximo ao seu barraco, no acampamento Flor do Amazonas, antiga fazenda Urupá, no município de Candéias do Jamari (30 km de Porto Velho).

Neguinho nasceu na Bahia no município de São João da Prata, ele já havia sido vítima de uma tentativa de homicídio em setembro de 2009 quando foi atacado a golpes de faca por um capanga do latifundiário Raimundo “Metralha”. Os camponeses acusam o mesmo latifundiário de ser o mandante.

Entenda a luta dos camponeses da área Flor do Amazonas

Em 2001 as famílias iniciaram a luta pelas terras griladas pela madeireira Urupá que já haviam sido destinadas pelo governo federal para reforma agrária. Logo de início enfrentaram a corrupção de funcionários do Incra que se utilizaram do cargo para lotear e vender as terras junto com a Agropecuária Industrial e Colonizadora Rio Candeias que alega ser a detentora do imóvel, adquirido em 1973, cujo registro foi cancelado pelo Governo Federal em 1975.

Enfrentaram também o oportunismo do Movimento Camponês de Corumbiara (MCC) do Sr. Adelino Ramos que cobrava taxas de até R\$300,00 de cada família, com promessas de cortar as terras. As famílias eram ameaçadas a dar metade de sua produção ou seriam expulsas, toda produção “arrecadada” ia para as mãos de Adelino que não aceitava opiniões e humilhava as pessoas.

Em 2002 oitenta famílias decidem acampar dentro da área da fazenda contrariando a direção do MCC que queria ficar na beira da estrada. Em setembro de 2005 cansadas de esperar pelo Incra e demais autoridades, partem pra cima dos lotes produzindo mais de 20 alqueires de arroz, feijão, milho, mandioca e hortaliças.

Para exigir solução do problema das terras bloquearam a BR-364 em protesto por 3 dias, em junho de 2006. Esta ação combativa agudizou as divergências com a direção oportunista do MCC que usa de todo tipo de manobra para isolar as lideranças que se opõem a sua linha de esperar eternamente pelo Incra e usar o povo como massa de manobra para os projetos eleitoreiros do PT e PCdoB. Em setembro, os camponeses realizaram uma assembléia e decidiram pela retirada da bandeira do MCC, a expulsão do pelego Adelino Ramos e a eleição de uma coordenação comprometida com os interesses dos acampados.

A partir de 2007 foram emitidas 28 reintegrações de posse das terras, as famílias caíram nas garras de um advogado que se fazia passar por apoiador, mas trabalhava para os latifundiários. José Martinho Medeiros, o “Águia Azul”, extorquia os acampados

com a promessa de derrubar liminares na justiça, mas na prática queria desmobilizar o acampamento.

Diante da resistência dos camponeses os latifundiários resolveram atacar. Em junho dois veículos com homens encapuzados e fortemente armados expulsaram os acampados. Os pistoleiros chegaram atirando e espancando todos inclusive crianças, idosos e gestantes. Com as pessoas dominadas atearam fogo nos barracos, em veículos e em todos os pertences das famílias. Raimundo “Metralha” e Geraldo, que era presidente da Associação dos latifundiários da região, são apontados como os mandantes.

Os veículos usados no ataque e que foram apreendidos pela PM eram de Salim Jones, sargento aposentado da PM. O secretário de segurança pública na época, Cezar Pizzano, liderou um Gabinete de Gestão Integrada idealizado pela Ouvidoria Agrária para apurar os ataques contra os camponeses. Até hoje nenhum dos responsáveis foi punido. O que demonstra a demagogia e revela que estas comissões servem apenas para proteger os crimes do latifúndio.

Em outubro ocorreu nova investida contra as famílias. Durante uma reintegração o latifundiário conhecido como Pastor e seus pistoleiros atearam fogo nos barracos. Não satisfeito, derramaram óleo queimado dentro do poço utilizado pela coletividade. Policiais e um oficial de justiça estavam presentes. O detalhe é que em agosto de 2007, foi determinada a transferência da Fazenda Urupá para o domínio do INCRA e até hoje as terras ainda não foram entregues as famílias.

Em junho de 2008, 60 famílias ocupam a sede do Incra em Porto Velho reivindicando o corte das terras e são atacados por agentes da polícia federal.

Toda esta luta valorosa demonstra a persistência dos camponeses que enfrentam todo tipo de dificuldades, ataques, perseguições e assassinatos para conquistar o tão sonhado pedaço de terra. Por outro lado, comprova a falência da “reforma agrária do governo” e o verdadeiro caráter de classe do Estado brasileiro que é dos grandes burgueses e latifundiários.



Ocupação do Incra em junho de 2008

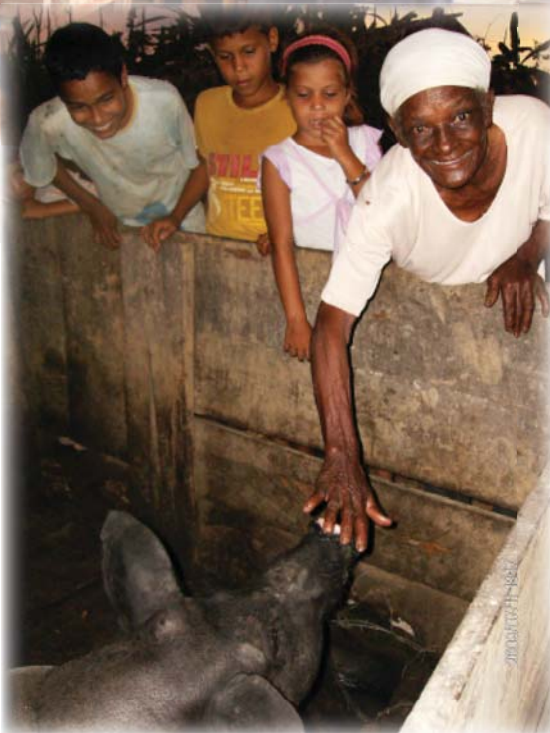
Seminário debate a produção nas áreas da Revolução Agrária

Nos dias 16 e 17 de janeiro a LCP realizou o seminário “A produção nas áreas da Revolução Agrária”, nele participaram camponeses das áreas José e Nélio, Oziel Luna, Raio do Sol, Capivari, Terra Boa/João Batista, Corumbiara, Canaã, Rio Alto, Gonçalves, Jarú, Jacinópolis e Jacinópolis 2. Além de professores, estudantes e apoiadores. Ao todo mais de 70 pessoas estiveram presentes.



Plenária do Seminário de produção - Janeiro de 2010

Com o seminário a LCP discutiu a necessidade de melhorar o planejamento da produção em cada área, prevendo os problemas do plantio, colheita, transporte, armazenamento e comercialização dos produtos para buscar sua solução e também impulsionar a criação de Grupos de Ajuda Mútua e seu funcionamento permanente. Segundo a coordenação da LCP as discussões e definições do seminário mostram claramente que, para os camponeses pobres, a questão da produção está diretamente ligada à linha política que adote suas organizações, ou seja, de que a política é a linha vital na produção. Afirmaram que as discussões e decisões tomadas serão levadas a todas as áreas até o mês de maio, através de reuniões e estudos.



os trabalhadores explorados e oprimidos é que pode levar a produção a ter um alto nível de organização, produtividade e diversificação segundo os interesses das massas em luta.

Estimular e fortalecer os Grupos de Ajuda Mútua

Durante os dois dias os participantes fizeram e ouviram relatórios das diversas áreas. Trocaram experiências debatendo problemas da produção, sobre técnicas, produção individual e coletiva. Deram principal ênfase na questão da organização dos Grupos de Ajuda Mútua, chamando atenção para o fato de que ter um objetivo programático de libertação dos camponeses e todos

Outro aspecto a destacar, segundo os dirigentes da LCP, é que toda a produção nessas áreas é feita com poucos recursos e em sua maioria na base da ajuda mútua e arrecadação com apoiadores e simpatizantes. Ressaltam ainda que o importante papel do financiamento deve basear-se na poupança coletiva e criação de fundos

coletivos e ter em perspectiva a criação de um banco popular de fomento para se assegurar a independência e fugir de bancos e Ongs, que na verdade só servem para endividar os camponeses que no fim acabam perdendo a terra. Afirmam que perspectiva do financiamento da produção e sua comercialização está assegurada no desenvolvimento da aplicação do programa agrário revolucionário com o confisco integral dos latifúndios, suas terras e outros meios de produção e inclusive capitais.

Os números recolhidos pela organização do seminário mostram o que todos já sabem, quando a terra do latifúndio é cortada e entregue aos camponeses ela se transforma imediatamente em terra produtiva. Na área José e Nélio a produção de 40 famílias deve atingir este ano 128 mil pés de café, 20 mil pés de banana, 7.300 de urucum, 5.900 de mandioca, 7.000 de cacau, vão colher 2.200 sacos de arroz e mais de 3.500 sacos de milho além de diversas frutas e legumes.

Também em outras áreas a produção foi maior que no ano passado. Na área Raio do Sol a produção de arroz será de 38.760 kg, 4.340 pés de banana, 29.750 pés de café, 3.530 pés de cana, 1.720 pés de cacau, 4.140 kg de feijão, 20.250 pés de mandioca, 4.500 pés de inhame, 550 pés de laranja, 27.600 kg de milho, além de abacaxi, abóbora, batata, coco, urucum, cupuaçu e maracujá.

Muito importante foram os relatos sobre o funcionamento dos Grupos de Ajuda Mútua (GAM) que realizam troca de dias de trabalho e se organizam para derrubar, roçar, plantar e colher, além de se organizarem para construir obras que servem a toda coletividade. Os GAM funcionaram em quase todas as áreas com grupos pequenos de famílias, amigos



Para este ano camponeses esperam grande colheita de café

ou vizinhos de lote resultando no aumento da produção quando comparado com a produção individual, os camponeses que trabalham desta forma conseguem plantar e colher muito mais.

A política como linha vital para o trabalho econômico

Como já relatado acima, a compreensão dos dirigentes e ativistas da LCP, parte do desenvolvimento de uma linha política que dá direção e guia toda a atividade dos camponeses pobres. O que exige elevar constantemente o nível da consciência política de dirigentes e massas trabalhadoras. No seminário os participantes debateram com entusiasmo a situação atual da luta pela terra com o aumento da criminalização e repressão ao movimento camponês em todo país, principalmente na região amazônica.

Foi avaliado que este cerco repressivo se dá em função do avanço da luta camponesa e suas importantes conquistas. Inclusive na abertura do seminário foi realizada uma homenagem aos camponeses Élcio Machado e Gilson Teixeira Gonçalves assassinados em dezembro de 2009.

Ainda nesses debates foi discutido e aprofundado o balanço das principais lutas no ano de 2009 em que se destacaram a formação das Assembléias do Poder Popular - APP e seus Comitês de Defesa da Revolução Agrária em algumas áreas; os cortes populares e entrega de certificados de posse da terra e o aumento da produção.

Os relatos apontaram que onde funcionaram as APP ocorreu a melhoria das condições de vida das famílias, com a construção de escolas, estradas, pontes, produção, alfabetização, celebrações, festas, etc. Ou seja, onde os camponeses se organizaram os problemas foram resolvidos de forma coletiva e independente.

Nos relatos, vários camponeses ressaltaram ter chegado nos acampamentos com quase nada, muitos apenas com a roupa do corpo e hoje estão se sustentando com muito trabalho e esforço, muitos construíram casas e possuem criações e lavoura. Também muitos disseram da importância de entrar e cortar a terra por conta e iniciar a produção. A opinião geral foi de que onde os camponeses cortaram por conta vivem melhor do que aqueles que esperam pelo Incra em barracos de lona e dependendo de cesta básica.



Camponeses organizados em grupos de ajuda mútua iniciam construção de barracão

Sigamos o exemplo dos heróis do nosso povo

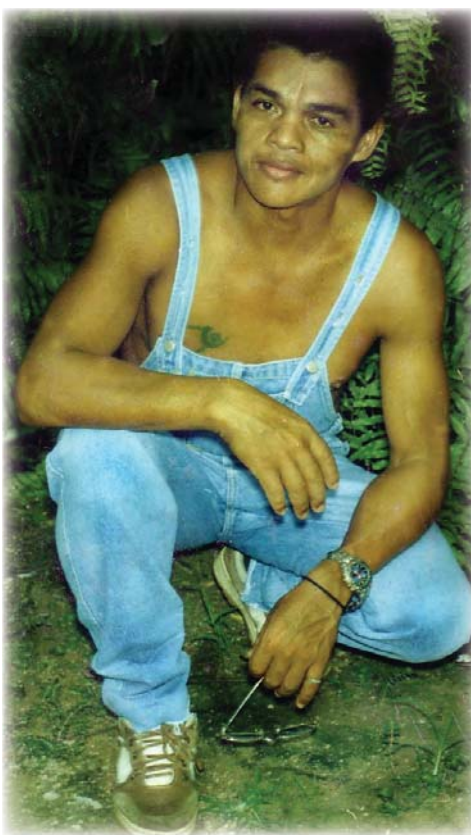
No dia 19 de março completam 2 anos da morte do líder camponês Francisco Pereira do Nascimento, o popular Zé Bentão.

De origem camponesa, Zé Bentão nasceu em Lábrea, interior do Amazonas. Sua avó era índia e seu avô, como milhares de outros nordestinos, veio para a região na época do auge da borracha. Ele perdeu a mãe muito cedo e em razão de muitos sofrimentos fugiu de casa com seus irmãos menores, buscando protegê-los da violência e em busca de algum trabalho para sobreviverem. Com seus irmãos viveu muitos anos nas ruas, alimentando todos muitas vezes de restos recolhidos no lixo. Quando já mais crescidos, Bentão se separou dos irmãos.

Trabalhou por muitos anos como carregador e cozinheiro nos barcos que trafegam os rios Madeira e Amazonas, entre Manaus e Porto Velho. Foi trabalhar de peão de fazendas onde experimentou mais sofrimentos, a dura vida de exploração e abusos que os camponeses pobres são vítimas sob o tacão dos latifundiários e seus capatazes.

Zé Bentão era um trabalhador de muitas habilidades, dominava vários ofícios, inclusive o artesanato. Sabia tecer com palhas e outras fibras vegetais vários utensílios como chapéus, cestos, samburás, balaies, além de adereços e enfeites, como colares, brincos, pulseiras, etc. Era exímio mateiro e conhecia como poucos a selva amazônica e seus segredos.

Chegou à Rondônia no início dos anos 90 em busca de trabalho nas fazendas da região. Foi na tomada da fazenda Primavera, no município de Theobroma, que entrou em contato pela primeira vez com a luta camponesa organizada. Daí por diante tornou-se incansável lutador. Compreendeu logo a necessidade da preparação política para enfrentar os desafios da luta. Dedicado e disciplinado na luta, no trabalho e no estudo foi elevando constantemente sua formação política, tornando-se em pouco tempo um destacado dirigente do movimento camponês combativo. E assim,



Bentão: exemplo de coragem e dedicação a luta do povo

vencendo todo tipo de obstáculos, foi descobrindo as causas de tanta exploração, opressão e sofrimento do nosso povo e respostas para sua libertação.

Teve importante participação na luta interna do movimento camponês combatendo o oportunismo de alguns dirigentes do MCC. Junto com outros companheiros e companheiras participou da cisão com os oportunistas do MCC, em 1999, aprofundando a depuração do movimento. Logo encabeçou a fundação e construção da Liga dos Camponeses Pobres de Rondônia em 26 de março de 1999.

Como militante e dirigente popular atuou em várias regiões do estado de Rondônia, denunciando por onde passava as injustiças e ações criminosas do Estado burguês-latifundiário contra os camponeses pobres, organizando-os para a luta

combativa e na produção. No cumprimento de suas tarefas, constantemente ameaçado de morte, sempre perseguido e preso várias vezes, nunca se abateu, pelo contrário, ficava cada vez mais indignado e mais disposto a lutar e a dar a própria vida pela causa.

Zé Bentão dirigiu um dos maiores trabalhos de Ajuda Mútua da LCP em Rondônia. Foi no acampamento Lamarca, em 2003 e 2004 quando foram roçados e derrubados cerca de 150 alqueires. Um dos trabalhos foi feito em apenas 3 dias por 70 camponeses que arrancaram todo o capim e transformaram 15 alqueires de pasto em terra pronta para o plantio. A colheita total do Grupo de Ajuda Mútua chegou a 342 toneladas de arroz, milho e feijão!

O companheiro Zé Bentão era também um autêntico artista popular, aprendeu tocar violão sozinho e compôs várias canções sobre a vida, os sonhos e a luta dos camponeses e demais trabalhadores.

Nos últimos meses antes de sua morte havia se afastado das atividades de direção para se concentrar no trabalho de produção em seu lote onde vivia com sua mulher e filhas.

Com a morte de Zé Bentão a luta popular e revolucionária perdeu um dos mais abnegados militantes, firme defensor dos interesses dos camponeses pobres e de todos trabalhadores. Zé Bentão era ardoroso defensor da aliança operário-camponesa, abnegado combatente contra o velho Estado brasileiro de grandes burgueses e latifundiários e contra o imperialismo. Incansável lutador contra todo oportunismo, Bentão defendia ardorosamente o caminho da luta revolucionária pela transformação da nossa sociedade e pela construção de um mundo novo.



Zé Bentão durante trabalho coletivo em Corumbiara

Homenagem ao camponês Macarrão

Antônio Leocir Royer, o “Macarrão”, foi assassinado de forma covarde no dia 17 de janeiro de 2010 num bailão em Jarú. Ele tinha 43 anos, era casado e pai de 2 filhos. Macarrão nasceu no Paraná, era filho de camponeses e chegou em Jarú em 1983, com 16 anos.

Desde então, trabalhava como chapa e era muito conhecido na cidade.

Começou a participar da luta pela terra na tomada da fazenda Barlat (Canaã) em Ariquemes no ano de 2002 onde foi um dos pioneiros. Junto com outras famílias camponesas enfrentou várias dificuldades, entre elas a direção oportunista que em 2007 obrigava os camponeses a derrubar de machado para que desistissem de suas terras e eles pudessem vender os lotes a vontade. Macarrão não se dobrou e derrubou 2 alqueires de machado.

Em 2009 junto com outros 11 ativistas da LCP participou de

uma panfletagem na cidade de Buritis de denúncia aos ataques covardes do Ibama na operação Arco de Fogo contra a população de Rio Pardo.

O Jornal Resistência Camponesa presta homenagem a Antônio, o “Macarrão” que lutou toda sua vida para que seus filhos vivessem com dignidade, longe do desemprego da cidade e da exploração do latifúndio.



Macarrão com o certificado de posse das terras em 2009

Estudantes visitam áreas da Revolução Agrária

Em janeiro deste ano, estudantes da UNIR de Porto Velho realizaram uma atividade de férias na área Raio do Sol. Eles passaram 6 dias trabalhando e vivendo com os camponeses e puderam conhecer de perto seu cotidiano de luta pelo direito à terra e de trabalho árduo, de sol a sol, pelo sustento de suas famílias. Estes estudantes fazem parte do MEPR – Movimento Estudantil Popular Revolucionário, que desde sua fundação fazem estas

camponeses ensinaram na prática uma importante lição sobre trabalho coletivo: 30 pessoas unidas produzem muito mais em um dia do que uma pessoa durante 30 dias.

No dia seguinte a tarefa foi de lazer. Quase todos moradores da área se juntaram na beira de um rio, fizeram churrasco, um almoço caprichado, brincadeiras e até pescaria.



atividades para estreitar mais os laços de amizade e companheirismo dos estudantes com os camponeses.

A primeira tarefa dos estudantes foi a construção de 800 metros de estrada, junto com mais de 30 moradores e vizinhos. Foi um animado trabalho cooperado onde as tarefas foram divididas entre todos. Uma comissão de mulheres fez a alimentação, crianças entregaram água e café aos que carpiam, destocavam e tapavam buracos na estrada. Ao todo foram 5 horas de trabalho. Mas teriam sido dias se tivessem poucas pessoas. Os

Depois, os estudantes visitaram casa por casa para levantar a produção total na área. Visitaram plantações de café, cacau, arroz, feijão, cana, milho, banana, mandioca e etc. As informações coletadas foram apresentadas no Seminário da LCP sobre produção.

Estudantes e camponeses durante trabalhos e comemorando os resultados.



LCP presta homenagem a o

No dia em que completou um mês dos assassinatos dos camponeses Élcio Machado e Gilson Teixeira Gonçalves a LCP – Liga dos Camponeses Pobres de Rondônia e Amazônia Ocidental e o Cebraspo – Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos realizaram um ato na cidade de Jaru.

Estiveram presentes o Codevise – Comitê de Defesa das Vítimas de Santa Elina, LCP do Pará e Tocantins, Comissão Pastoral da Terra, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaru, Comitê Popular de Lutas, Comitê de Defesa Da Revolução Agrária e dos Direitos do Povo, Movimento Feminino Popular, Diretório Central dos Estudantes da Unir, professores, apoiadores e camponeses das áreas Raio do Sol, Canaã, Rio Alto, Jacinópolis, Flor do Amazonas e das cidades Theobroma, Jaru, Anari e Cujubim. Ao todo participaram mais de 100 pessoas.

Também foram prestadas homenagens aos camponeses Val e Luiz Lopes assassinados também em 2009. Luiz Lopes era uma liderança histórica no sul do Pará e sua morte foi parte de uma série de outros 12 assassinatos de camponeses e lideranças que estiveram no acampamento Forkilha e que foram brutalmente despejados e torturados pela operação “Paz no campo” coordenada pelo governo de Ana Júlia Carepa (PT).

Outro homenageado foi João Pereira de Sá ativista antigo da luta camponesa em Rondônia que faleceu por problemas de saúde em Palmares do Oeste.

Ato responsabiliza Ouvidoria Agrária pela morte de camponeses

No ato os participantes denunciaram as mortes ocorridas em Rondônia e a cumplicidade do Incra e Ouvidoria Agrária, em especial do Ouvidor Gercino José da Silva Filho, com os latifundiários da região. Também denunciaram o aumento do número de mortes no campo na região amazônica, durante a gerência Lula PT que segundo dados da CPT foi 157% maior do que na gerência FHC. Dados que na realidade podem ser maiores, pois muitos assassinatos em conflitos pela terra não foram registrados.



Ouvidor Gercino é cúmplice dos assassinatos de Élcio e Gilson

Lideranças do acampamento Flor do Amazonas denunciaram o assassinato do camponês



Ato contou com participantes de várias áreas

Gildézio Alves Borges ocorreu dia 29 de dezembro. Segundo informações o responsável teria sido um latifundiário da região de Candeias conhecido como “Metralha”.

É importante ressaltar que passado três meses dos assassinatos nenhuma providência foi tomada pelas

autoridades no sentido de punir os responsáveis ou cortar as terras para as famílias acampadas. Pelo contrário, uma semana após os assassinatos a Polícia Militar deteve 12 camponeses do acampamento Rio Alto na delegacia de Buritis onde foram interrogados e ameaçados. Também em Jaru na semana de preparação do ato policiais civis estiveram por três vezes na sede da LCP tentando intimidar camponeses e coordenadores.

Homenagens e passeata

Durante a solenidade de homenagens familiares e amigos se



Luis Lopes, Seu João e Val também foram homenageados

camponeses assassinados



Acima: o pai de Élcio fala durante homenagem.

Ao lado: manifestação nas ruas de Jarú

emocionaram ao relembrar a vida dos camponeses Luiz Lopes, João, Val, especialmente Élcio e Gilson pela forma brutal com que foram mortos. Foram lidos textos que resgataram suas origens, participação na luta, seus exemplos de dedicação a causa do povo e o heroísmo com que enfrentaram o latifúndio assassino e seus bandos armados.

Os familiares e amigos dos camponeses homenageados receberam um ramalhete de flores e um quadro simbolizando o sentimento de todos ali presentes. Outro momento importante foi o juramento da LCP onde os presentes reafirmaram o compromisso de seguir firmes na luta pela terra e defender os direitos do povo, sonhos de todos e dos camponeses Élcio, Gilson, Luiz Lopes, João e Val.

Após as homenagens foi realizada uma manifestação pelas principais ruas de Jarú. Os manifestantes pararam por uns minutos na rodoviária dos colonos, local onde se concentra a população rural de várias linhas. Participantes do ato falaram sobre a homenagem e distribuíram centenas de panfletos denunciando o martírio de Élcio e Gilson. Durante

a manifestação trabalhadores do comércio e populares pararam para ver, ouvir e ler o panfleto.

Camponeses retomam as terras

No dia 16 de janeiro 40 famílias se reorganizaram e entraram de novo nas terras do PA Rio Alto. Plantaram coletivamente uma horta de 1 hectare e uma roça de mandioca de 1 alqueire. O plano das famílias é roçar e derrubar coletivamente pelo menos 1 alqueire em cada lote e retomar o corte popular das terras, que já tem 120 lotes divididos. A decisão é mudar para cima dos lotes o mais rápido possível. Algumas mães se revezam no cuidado com as crianças para elas trabalharem com mais tranquilidade.

Os camponeses estão muito animados e a mobilização de novas famílias para acampar está a pleno vapor! Uma camponesa resumiu a vontade de todos: "Antes a gente queria só uma parte das terras, agora, depois da morte dos nossos companheiros, queremos a terra toda. É uma questão de honra para nós!". A morte de Élcio e Gilson não foi em vão, e o maior sonho deles segue sendo construído pelos camponeses.

>>> continua

Gilson Teixeira Gonçalves nasceu em Corumbiara onde passou a infância no sítio dos avôs. Quando adolescente seguiu o mesmo caminho de milhares camponeses sem terra em todo o Brasil, para sobreviver foi obrigado a trabalhar nas fazendas da região. Trabalhou como vaqueiro, serrador e braçal.

Após alguns anos foi para o Mato Grosso, onde viveu 2 anos em Colniza ajudando sua mãe no sítio.

Quando retornou a Corumbiara conheceu a LCP através de seu tio que havia participado na batalha de Santa Elina. Devido às dificuldades de conquistar seu pedaço de terra naquela região mudou para União Bandeirantes junto com seu pai. Logo entrou para o acampamento Nova Conquista onde foi um dos coordenadores.

Após muita luta teve de sair de Bandeirantes devido às perseguições e ameaças do latifundiário Adaildo Araújo da Silva, seus bandos armados e grupos de extermínio da polícia militar. Continuou sua militância em Jacinópolis, onde se casou e conseguiu seu tão sonhado pedaço de terra.

Tinha como característica a coragem e disposição de lutar, mesmo doente de malária andava dezenas de quilômetros para cumprir as tarefas. Em Jacinópolis

foi um dos ativistas que assumiu a tarefa de vender o Jornal Resistência Camponesa, sendo o que mais se destacou nesta atividade, vendeu 30 jornais só numa tarde!

Participou da atividade realizada pela IAPL – Associação Internacional de Advogados do Povo em dezembro de 2008

em Jacinópolis. Nesta ocasião denunciou as atrocidades em Bandeirantes e a situação do seu pai Zé Vêncio que estava preso injustamente no presídio Urso Branco. Também participou na formação das Assembléias do Poder Popular e dos Comitês de Defesa da Revolução Agrária na região.

Já em 2009 ajudou a organizar o acampamento Oziel Luna, após o corte desta área se dispôs a ir para o acampamento Rio Alto contribuir com os companheiros com a sua experiência de luta e seu esforço.



Élcio Machado, o Sábão, assim como centenas de camponeses de Rondônia, nasceu no norte de Minas Gerais, onde seu pai trabalhava em fazendas para sustentar sua família. Vieram para Rondônia em busca de conseguir um pedaço de terra. Quando aqui chegaram moraram em Jarú onde trabalharam por algum tempo. Foi então que Elcio e sua família ingressaram numa

mobilização da LCP para tomar terras na região da Barragem em Machadinho e finalmente conquistaram um pedaço de terra onde até hoje seu pai vive e trabalha junto de dezenas de camponeses.

Elcio retornou para Jarú onde trabalhou em serrarias, casou-se e teve 3 filhos. Junto com sua esposa decidiu buscar melhores condições de vida e lutar por um pedaço de terra. Participou do acampamento Conquista da União em Campo Novo em 2008. Esta área sofreu ataques de bandos armados a mando da família Catâneo e os camponeses foram expulsos das terras. Logo em seguida Elcio e outras famílias organizadas pela LCP iniciaram a mobilização para o acampamento Rio Alto do qual foi um dos principais coordenadores.

Durante os ataques ao acampamento em junho de 2009, Elcio junto com outros ativistas da LCP realizaram ampla denúncia em Porto Velho e participaram de um ato contra a criminalização da luta camponesa na Universidade Federal de Rondônia. Neste mesmo período realizaram denúncias em rádios e emissoras de TV de Porto Velho.

Em setembro participou de forma destacada da visita realizada pela Missão de Investigação e Solidariedade organizada pelo Cebraspo em Rio Pardo.

Histórico do Rio Alto

O acampamento Rio Alto fica no Projeto de Assentamento Rio Alto, localizado na linha 36, há 25 Km de Buritis. Em 2004 o Incra cortou as terras em 730 lotes de 21 alqueires e colocou os marcos de cimento. Os poucos camponeses assentados foram expulsos por Dilson Caldato, que mandou arrancar as plaquetas de metal dos marcos. Na verdade, Caldato é testa de ferro de políticos e policiais que grilaram as terras da União destinadas à reforma agrária principalmente para roubar madeira através de planos de manejo ilegais.

Em junho de 2008 cerca de 50 famílias

organizadas pela LCP retomaram as terras do P.A. Rio Alto e montaram o acampamento que já chegou a ter 150 pessoas.

Denúncias de ataques de bandos armados e policiais

28/01/09: as famílias foram despejadas por policiais militares de Buritis, Monte Negro e Ariquemes. Dois camponeses foram espancados com chutes e socos porque um deles soltou foguetes para alertar a chegada das viaturas na área. Policiais também roubaram uma bomba de passar fumaça contra o mosquito da malária.

14/02/09: policiais de Buritis efetuaram 4 disparos de arma de fogo, chegando a derrubar a bandeira da LCP hasteada na entrada do acampamento.

13/04/09: Caldato, empunhando uma pistola, e pistoleiros estiveram em um sítio vizinho ao acampamento e disseram ao dono: “– Se apoiar os acampados a coisa vai ficar feia pra você”

20/04/09: pistoleiros dispararam armas de diversos calibres durante a noite próximo ao acampamento. A Ouvidora Agrária Regional Márcia do Nascimento Pereira esteve no

acampamento junto com o Comando de Operações Especiais da PM para tentar desmobilizar as famílias. Irritada por não conseguir, disse que a terra era do Caldato e que se os camponeses não saíssem ela não se importaria se eles fossem mortos por pistoleiros. Em maio, a Operação Arco de Fogo apreendeu cargas de madeira ilegal na área, mas Caldato não foi multado.

24/06/09: uma comissão do acampamento reuniu-se com o Incra e com a PF em Porto Velho para confirmar se a área era mesmo do P.A. Rio Alto ou da fazenda de propriedade da família Caldato (Dilson e seu filho Jonis Orlando Caldato) que tem por base um tal Título Definitivo Ubirajara. Os mapas do Incra indicavam que as terras localizadas entre a linha 34 até a divisa com o P.A. Santa Cruz, no município de Buritis, pertencem ao P.A. Rio Alto com 730 lotes já divididos.

27/06/09: Caldato e 7 pistoleiros sequestraram dois jovens camponeses e os fizeram reféns. Durante todo dia foram espancados com golpes nas costas, chutes e cortes de canivetes nos braços. Durante a sessão de tortura Caldato dizia que iria matar e expulsar os acampados para não perder a madeira cortada e vendida ao irmão do vice-prefeito de Buritis por R\$1,2 milhões.

07/07/09: cinco pistoleiros fizeram 3 camponeses reféns, amarraram suas mãos e os espancaram. Deixaram-nos na mata por mais de 6 horas.

08/07/09: policiais Militares e Civis de Buritis realizaram uma operação de busca e apreensão no acampamento, sem ordem judicial. Dois camponeses que estavam na estrada foram detidos.

12/07/09: 25 pistoleiros atacaram o acampamento com cerca de 120 pessoas. Deram dezenas de tiros, um jovem foi atingido na coxa; outros camponeses foram espancados. Os pistoleiros saquearam os barracos e levaram 5 motos, enxadas, foices, utensílios domésticos e objetos pessoais das famílias; depois atearam fogo no restante dos pertences. Os camponeses reconheceram o PM Zé Maria de Montenegro entre os pistoleiros, ele também esteve na operação de busca e apreensão.

Após denúncias a PM demorou mais de 2 horas para chegar ao local. Foram na sede da fazenda e disseram que não havia pistoleiros. Ao saírem deram uma rajada de tiros por cima das famílias e gritaram “não tem pistoleiro lá”. Na estrada, a viatura atropelou um camponês de 16 anos. Um policial desceu da viatura e ainda agrediu o jovem com chutes e socos na cabeça.

Na mesma semana pistoleiros andaram armados no ônibus da linha ameaçando os passageiros. Ameaçaram queimar a igreja caso recebessem acampados. Durante várias noites efetuaram disparos em frente

a sítios vizinhos.

Dilson Caldato teria dito em Buritis que planejava contratar mais pistoleiros para destruir o acampamento e matar o advogado dos camponeses.

14/11/09: uma Toyota do Caldato com sete pistoleiros fortemente armados fecharam dois coordenadores em uma moto na estrada em frente ao acampamento. Os camponeses pularam da moto e se esconderam no mato. Os pistoleiros deram vários disparos, depois rasgaram o banco da moto e tentaram atear fogo.

03/12/09: Numa reunião do Incra em Porto Velho em que estavam presentes o comandante da PM de Buritis, o Incra, o latifundiário Dilson Caldato e o Ouvidor Agrário Gercino foi assinada a sentença de morte dos camponeses. Na ata da reunião Gercino alerta que os camponeses serão punidos por supostas ilegalidades, pede atuação da PM para defender a segurança da propriedade e cinicamente disse confiar que o fazendeiro não fará nada contra as famílias acampadas.

O comandante da PM de Buritis, Maj. Antônio Matias de Alcântara ainda lançou acusações infundadas e já desmascaradas há muito de que a LCP atua usando táticas de guerrilha, mas escondeu as denúncias de que policiais sobre seu comando adestram bandos armados da fazenda e receberam dinheiro para escoltar madeira ilegal para fora da área.

07/12/09: por volta das 14 horas, Élcio (Sabiá) e Gilson (Marcos) foram sequestrados na estrada que liga a área ao município de Buritis.

08/12/09: os corpos de Élcio e Gilson foram encontrados próximos a estrada, mas não havia sinais de sangue no local o que indica que foram assassinados em outro lugar.

Élcio tinha um hematoma no olho esquerdo, as unhas das mãos e tiras de pele das costas arrancadas provavelmente com alicate, a orelha esquerda decepada e um tiro no braço. Gilson teve quase todos os dentes superiores da frente quebrados, as unhas das mãos e tiras de pele das costas arrancadas. Eles foram executados com tiros de espingarda calibre 12 na nuca.

15/12/09: O Comando de Operações Especiais, Polícia Civil e Força Nacional realizaram uma operação no acampamento e sítios vizinhos. Foram utilizadas 12 viaturas.

Revistaram casas, em algumas quebraram portas e janelas. Perguntavam se tinha alguém na família que estava no acampamento. Uma senhora foi xingada de “velha safada, vagabunda”. Um senhor foi agredido com tapas no rosto e obrigado a se ajoelhar com armas apontadas pra sua cabeça. Outros camponeses foram

empurrados com o cano de armas e agredidos com coronhadas. Apreenderam espingardas velhas de caça e o revólver do guarda de uma escola municipal. Quatro camponeses foram presos levados para delegacia de Buritis onde foram interrogados e liberados.

No acampamento os policiais já chegaram empurrando os camponeses com os canos das armas e apontando para mulheres e crianças. Uma senhora exigiu uma ordem judicial, um oficial da COE alegou que não precisavam mostrar.

Um rapaz foi algemado, uma mulher foi assediada por um policial, uma jovem foi ameaçada de ser levada ao conselho tutelar por ser menor de idade e estar grávida. Duas mulheres, um rapaz e cinco senhores também foram presos e levados à delegacia de Buritis para serem interrogados. Policiais ameaçaram levar dois destes camponeses detidos à sede da fazenda: “agora vocês vão ver o que é bom. Vamos afogar vocês na represa, vocês vão comer peixe.” Os policiais também ameaçaram voltar no acampamento com cães.

Na delegacia, os 12 camponeses detidos foram interrogados e fotografados um por um. Eles aproveitaram para denunciar os despejos, ataques, tiros e assassinatos que sofreram do Dilson Caldato e seus pistoleiros. Apesar disto, serão abertos inquéritos policiais contra estes 12 camponeses.

24/12/09: pistoleiros atiram na casa do sítio onde as famílias estavam acampadas temporariamente.

16/01/2010: quarenta famílias se reorganizaram e entraram de novo nas terras do PA Rio Alto. Plantaram uma horta coletiva e retomaram o corte popular das terras.



Élcio (Sabiá) distribuindo o Jornal Resistência Camponesa em Rio Pardo - Outubro de 2009

Missão de investigação e solidariedade visita Acre e Rondônia

Entre os dias 16 e 21 de outubro de 2009 uma Comissão visitou algumas áreas em Rondônia e Acre para investigar e denunciar a política ambiental criminosa do imperialismo, principalmente ianque aplicada contra a nação brasileira e o povo trabalhador na Amazônia. Outro objetivo da Missão era prestar solidariedade à luta popular que vem avançando a cada dia, apesar de feroz repressão por parte de latifundiários e dos aparatos do velho Estado. Participaram membros do Cebraspo – Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos, do IDDH – Instituto de Defesa dos Direitos Humanos e o desenhista Carlos Latuff, do Rio de Janeiro, além de representantes do MEPR – Movimento Estudantil Popular Revolucionário e da LCP de Rondônia.

Esta Missão de solidariedade foi proposta num ato público na Universidade Federal de Rondônia no dia 13 de agosto de 2009 em Porto Velho que reuniu várias organizações e entidades populares, camponeses, trabalhadores, estudantes, intelectuais e professores. Os informes e debates deixaram claro que as políticas ambientais da gerência FMI/Lula se resumem em expulsar gradativamente os camponeses e demais trabalhadores da Amazônia para deixar intactas as riquezas minerais e naturais da floresta para os imperialistas explorarem. A lógica é óbvia, é mais difícil dominar um território ocupado.

Esta é a verdade por trás do discurso de proteção do meio ambiente e combate ao desmatamento. É a justificativa para verdadeiras operações de guerra que só atingem a população pobre e média.

Enquanto isto, os grandes responsáveis pelas destruições ambientais que são os latifundiários e grandes burgueses, seguem ilesos e ainda são protegidos e beneficiados pelo velho Estado. Três exemplos para quem ainda duvida: 1º - a Medida Provisória que regulariza as terras da União griladas pelos latifundiários nas últimas décadas. 2º - o leilão da Floresta Nacional do Jamari para a exploração por grandes madeireiras, fato inédito no Brasil. 3º - o Decreto Lei 7.029 que rebaixa as regras para crimes ambientais e concede anistia da ordem de R\$ 10 bilhões às multas aplicadas aos latifundiários.

População de Rio Pardo resiste a despejo

A primeira área visitada pela Missão foi o distrito Rio Pardo, principal povoado localizado na Floresta Nacional Bom Futuro, em Buritis, onde vivem e trabalham mais de



Seminário na Universidade Federal do Acre

5 mil pessoas. A maioria dos moradores possui pequenas propriedades no entorno de Rio Pardo. Muitos vivem ali desde muitos anos, antes mesmo da área ser considerada de “proteção ambiental”.

Os membros da Missão conversaram com moradores, comerciantes e representantes de uma Associação de Rio Pardo e colheram relatos contundentes da maior operação ambiental que já ocorreu em Rondônia, iniciada em abril de 2009. Cerca de 400 homens do Exército, Abin, Força Nacional, Ibama, Polícia Federal, Polícia ambiental e Polícia Rodoviária montaram três barreiras em estradas que ligam Buritis a Rio Pardo para controlar a passagem de pessoas, impedir a saída de madeira e a entrada de gado, alimentos, combustível, ferramentas de trabalho e remédios. O objetivo era estrangular o abastecimento e os comércios locais e com isto expulsar as famílias.

As multas durante a operação já somavam em agosto de 2009 mais de R\$ 40 milhões, várias delas aplicadas sobre áreas desmatadas há 14 anos, antes da reserva florestal ser criada. Serrarias, olarias e fábricas de palmito em Buritis foram fechadas, o que causou a demissão de centenas de trabalhadores e a quebra de pequenos e médios comércios.

Em agosto, Ibama e Força Nacional retiraram bombas de gasolina e diesel e multaram em mais de R\$ 1 milhão os proprietários de dois postos que servem a toda a população da região. A ação covarde foi prontamente repelida pelos moradores. Mulheres, homens e crianças se reuniram no posto e tentaram impedir a retirada das bombas. A Força

Nacional atacou com bombas de gás, balas de borracha e spray de pimenta, e deixou pelo menos três moradores feridos.

Em junho, soldados do Exército e da Força Nacional armados de fuzis foram atacados com um pau em brasa empunhado pelo camponês Carmelino Lino da Silva. Ele ficou revoltado depois que



Reunião com seringueiros em Xapuri

sua mãe, uma camponesa de 77 anos, foi ameaçada por agentes do Ibama para assinar uma multa de 392 mil reais, por 12 alqueires desmatados. E em julho, uma viatura do Ibama foi incendiada dentro da área.

Seringueiros desmascaram o governo da floresta do PT

Os membros da Missão de solidariedade reuniram-se com diretores do STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em Xapuri e conversaram com seringueiros que vivem nas Reservas Extrativistas. Foram vários relatos contra a gerência estadual (PT), que se auto-denomina “governo da floresta” e que se elegeu com o discurso de defesa dos seringueiros, mas na prática só reprime a população, sem apresentar alternativas de trabalho digno.

Em novembro de 2008 o Ibama e a Polícia Federal iniciaram a operação Reserva Legal, adentraram os seringais aplicando multas exorbitantes contra os trabalhadores, acusando-os de devastarem o meio ambiente. Devido às multas, alguns trabalhadores tiveram seus parques bens leiloados.

Xapuri está entre os municípios de índice mais baixo de desenvolvimento na educação básica, existem professores trabalhando a quinze anos na zona rural com contrato provisório. As estradas ficam intrafegáveis no período das chuvas. Dos sete seringais que compõem a gleba Sagarana apenas um teve seu processo de regularização iniciado em 2007 e até 2009 não tinha sido concluído. Os trabalhadores posseiros não têm conseguido licenças ambientais para fazerem seus roçados de subsistência. Falta mercado e preço para os produtos extrativistas (castanha e borracha). Apesar da propaganda do governo do estado de que com seus subsídios o preço mínimo da borracha prensada seria R\$ 3,50 o quilo, até o fim do ano não passou de R\$1,20. Um seringueiro experiente e numa colocação (lote) de boa produtividade consegue extrair no máximo 10 Kg de borracha por dia.

Para sobreviver, a população é obrigada a desenvolver a pecuária, atividade considerada ilegal.

A atual diretoria do STR, que assumiu em 2006, tem denunciado a péssima situação dos camponeses e seringueiros, tem desmascarado o “governo da floresta” e a direção oportunista que dominou o STR por 17 anos. E por isto está sendo duramente atacada. Nas eleições de maio de 2009 uma chapa governista foi montada. Receberam dinheiro, usaram carros oficiais para transportar seus eleitores, 5 secretários de estado fizeram propaganda pessoalmente, espalhando calúnias e difamações contra a chapa 2 – Democracia e Luta. Mesmo assim, perderam as eleições.

A luta em torno do STR resume a disputa entre qual caminho seguirão os camponeses e seringueiros: o caminho da conciliação de classes ou o caminho da luta. Nas várias

visitas e conversas, os representantes da Missão de solidariedade puderam comprovar esta contradição. Onde as direções tinham muita ilusão com os projetos e acordos com órgãos do Estado e ONGs a situação dos seringueiros era mais precária. Por outro lado, onde os seringueiros lutavam de forma combativa e independente tinham mais conquistas.

O oportunismo do PT, junto com ONGs, transformaram o Acre num estado modelo de aplicação das políticas ambientais a serviço dos imperialistas e agora vêm seus planos ruírem de cima a baixo, principalmente pelo crescimento do descontentamento e da revolta dos camponeses pobres e seringueiros.

A Missão de solidariedade encerrou suas atividades com um seminário na Universidade Federal do Acre sobre os efeitos da política ambiental criminoso, do qual participaram estudantes, professores e sindicalistas. Foram expostos os informes, debates e conclusões a respeito desta importante questão. Foi conformado um Comitê de Apoio na UFAC



Durante as visitas, membros da Missão entrevistam camponeses

para prestar solidariedade aos seringueiros de Xapuri e demais trabalhadores da região.

A Missão também visita áreas onde avança a Revolução Agrária

A Missão esteve em áreas no interior de Rondônia. Onde se constatou diversos casos de perseguições do latifúndio e seus pistoleiros, das polícias e justiça do velho Estado e do monopólio de comunicação. Pode ser constatado as conquistas dos camponeses que tem aplicado a Revolução Agrária: o corte popular da terra e a entrega de lotes aos camponeses pobres; a produção diversificada e farta; o desenvolvimento de Assembléias do Poder Popular onde o povo exercita sua autoridade e decide sobre todas questões de seu interesse; a construção coletiva de pontes, estradas e escolas; atividades recreativas e culturais.

A Missão de solidariedade viu de perto o acirramento da luta de classes nos campos brasileiros: de um lado latifundiários e imperialistas desesperados usando de todas suas armas para expulsar o povo das terras, de outro lado camponeses, ribeirinhos, populações indígenas, pequenos e médios comerciantes aumentando sua organização, combatividade, desmascarando e combatendo oportunistas. Esta guerra já está sendo travada, é urgente que o povo de todo o país se una para apoiar e defender a construção de um país livre do atraso e opressão seculares impostos pelo latifúndio.

A traição da direção do MST

No dia 27 de janeiro João Pedro Stédile, dirigente nacional do MST concedeu uma entrevista ao jornal Zero Hora, principal porta voz do latifúndio no Rio Grande do Sul, onde decreta o fim das ocupações e a necessidade de novas alianças políticas para o movimento. Abaixo transcrevemos alguns trechos desta entrevista que achamos mais significativos e que expressam melhor a traição do MST.

Ao responder a primeira pergunta sobre o que mudou no MST, Stédile diz: **“Não foi o movimento que mudou. Foi a luta pela terra. Nos anos 70 e 80, uma parcela da burguesia nos apoiava porque apostava em um modelo de desenvolvimento industrial que precisava de mercado interno para vender os seus produtos.”**

Logo em seguida afirma que: **“Estamos em um momento de reflexão, pensando em um novo modelo para seguir. Nos anos 70 e 80, bastava ocupar terras e se conseguia apoios que resultavam em pressão política. Hoje, a ocupação de terra não soma aliados. Portanto, não interessa mais. Estamos buscando novas alternativas para fazer aliados. E a que está se mostrando mais compatível é a aliança com trabalhadores da cidade”.**

A declaração do mais importante dirigente do MST é grave, pois tenta acabar, como num passe de mágica, com a principal contradição em nosso país, a que opõem o sistema latifundiário e camponeses pobres sem terra. Ao fazer isso joga pela janela a única tática efetiva com que os camponeses têm conquistado a terra. Inclusive foi com as ocupações, que ora Stédile renega, que o MST conquistou todo seu prestígio, prestígio este que cada vez mais desmorona, não por um suposto radicalismo de que lhes acusam a imprensa reacionária e os cabeças dos senhores de terra, mas sim em função da capitulação vergonhosa frente às dificuldades da luta e à reação.

Mas ao contrário do que diz Stédile, a luta pela terra existe não porque a burguesia apóia, mas pelo fato de existirem milhões de camponeses que necessitam da terra para trabalhar e produzir. É uma contradição antagônica, ou seja, os latifundiários não abrem mão das terras e os camponeses só a conseguem com muita luta e resistência.

O problema agrário nunca foi resolvido em toda a história de nosso país e está entre as três montanhas que oprimem e esmagam nosso povo (o imperialismo e a grande burguesia são as outras duas),

é a contradição mais atrasada e que demanda superação imediata através da destruição de todo o latifúndio.

A falência da reforma agrária

No início de sua gerência Lula afirmou que no Brasil havia espaço para o agronegócio e para a chamada agricultura familiar. Era o sinal para negar a contradição principal em nosso país e abandonar de vez a promessa que fez durante mais de 20 anos, de que se fosse eleito presidente e pudesse mudar uma única coisa apenas, esta seria realizar a distribuição de terras. O que vimos, no entanto foram cortes sucessivos nos gastos para realização da tal reforma agrária em nome de saldar dívidas com o FMI e um aumento da repressão e criminalização ao movimento camponês.

Com o MST a frente do ministério da Reforma Agrária e nas estruturas do Incra o governo iniciou a desmobilização dos camponeses dizendo que não era mais preciso lutar pela terra, pois Lula realizaria a tal reforma agrária, era só os camponeses terem paciência e esperar.

Da aliança com o latifúndio a negação da luta pela terra

Em 2004 diante dos enormes investimentos para os grandes exportadores de soja, cana, carne e etc. a direção nacional do MST anunciou que o principal inimigo dos camponeses era o agronegócio. Buscando uma aliança com os setores do latifúndio que produziam para o mercado interno e que tinham sido secundarizados pelo governo. Na verdade o agronegócio é o latifúndio de novo tipo, com uma cara moderna, mas baseado na secular concentração de terras, condições precárias de trabalho e assalariamento, e em muitos casos trabalho escravo ou semi-escravo.

Nos últimos anos o MST abandonou passo a passo as ocupações de terra, concentrando em mobilizações e atos que serviram mais como propaganda do que realmente a atacar o latifúndio. Suas ações como o “abril vermelho” de fazer grandes ocupações para sair logo em seguida das terras, ou ficar eternamente à beira de estrada foram murchando, ao mesmo tempo em que eram atropeladas pelas massas camponesas que insistiam em resistir.

Outros episódios recentes que refletem a postura traidora da direção do MST foram as ações de justicamento de pistoleiros fortemente armados no nordeste e a ocupação da fazenda



Lula e Stédile, unidos para desmobilizar a luta pela terra

Cutrale no interior de São Paulo. No primeiro caso sequer defenderam a legitimidade das ações dos camponeses acampados diante das agressões do latifúndio. No segundo não explicaram a justa revolta dos camponeses quando descobriram que as terras da fazenda eram griladas da União. Em ambos os casos a direção oportunista silenciou diante dos ataques histéricos da reação encabeçada pelo latifundiário e ministro do STF Gilmar Mendes, Lula e todo monopólio de imprensa.

O caminho é a Revolução Agrária

Por estas e outras razões o MST tem perdido terreno para movimentos combativos e também o controle de suas bases mais radicalizadas. Com a traição da direção, a crise que Stédile chama de “momento de reflexão” se agravará abrindo uma luta entre ativistas e militantes sobre qual caminho seguir: continuar na burocracia do governo traindo a luta camponesa ou se lançar na destruição do latifúndio.

Como não poderia deixar de ser a traição da direção do MST significa um duro golpe aqueles que dedicaram suas vidas lutando contra todas as dificuldades para fazer avançar a luta pela terra. Por isso foi tão festejada e elogiada pelos latifundiários, pois joga mais água no moinho de toda esta ofensiva de criminalização, perseguição e assassinatos dos camponeses em luta pela terra.

Mas se por um lado serve para atacar a todos que defendem, apóiam e lutam pela terra em todo o Brasil, por outro serve para mostrar aos camponeses pobres e seus aliados que o caminho reformista e conciliador dos oportunistas, só conduz a derrotas e fracassos. Mais que nunca é preciso levantar ainda mais alto a bandeira de que é justo a rebelião dos camponeses para tomar todas as terras do latifúndio e de que só sua organização de forma independente e combativa baseada na aliança operário-camponesa e das demais classes revolucionárias pode fazer avançar a Revolução Agrária, cortando e distribuindo as terras, organizando a produção e o exercício do poder político no local onde vivem e trabalham. 🇧🇷

Trabalhadores de Buritis enfrentam operação Arco de Fogo

No mês de dezembro de 2009 centenas de manifestantes tomaram as ruas de Buritis, em protesto contra a ação da Operação Arco de Fogo que havia apreendido caminhões de madeira nas estradas da região. Em solidariedade aos manifestantes o comércio fechou as portas. A população ateou fogo em pneus nas ruas e se concentrou diante da Unidade de Segurança Pública da cidade, alguns manifestantes furaram os pneus dos caminhões para evitar que fossem levados para a cidade de Ariquemes onde funciona a base operacional do Ibama e Força Nacional.

A Força Nacional e a Polícia Federal agiram com truculência disparando balas de borracha contra os manifestantes, até projeteis deflagrados de munição letal foram encontrados nas ruas. Mas a população se defendeu com pedras e paus, obrigando a FN a pedir reforços. Para conter a revolta, representantes do Ibama se reuniram com representantes dos comerciantes e trabalhadores e foram obrigados a não levar os caminhões e as cargas de madeira.

A operação Arco de Fogo é responsável pelo desemprego massivo em cidades como Buritis, Ariquemes, Machadinho, Cujubim, Jaci-Paraná, Pimenta Bueno além das pequenas cidades e povoados que estão em seu entorno. Dezenas de serrarias já foram fechadas gerando quebra-de-cabeça no comércio e aumento da criminalidade. Em 4 meses de operação foram aplicadas multas no valor de R\$ 14 milhões.

A mesma operação atuou no distrito de Rio Pardo arrancando bombas de gasolina dos postos de combustíveis e impedindo a entrada de alimentos e

Manifestantes enfrentam Força Nacional e Ibama com paus e pedras, e impedem que madeira seja levada para Ariquemes.



remédios no local como forma de expulsar as famílias que vivem e trabalham nesta região (veja matéria nas páginas 16, 17). Enquanto o Ibama persegue os trabalhadores da Amazônia, no ano passado o governo Lula entregou 220 mil hectares da Floresta Nacional do Jamari para serem explorados durante 60 anos por grandes mineradoras e grandes madeireiras com a desculpa de que vão proteger nossas florestas. Em janeiro o Ministério da Justiça prorrogou a atuação da Força Nacional por mais 3 meses dando continuidade a operação Arco de Fogo nos municípios de Campo Novo e Monte Negro.

As manifestações em Buritis expressam a insatisfação da população contra os abusos, humilhações e crimes cometidos pelo IBAMA e Força Nacional contra o povo trabalhador.



Entrevista com Carlos Latuff, um autêntico artista popular

Como parte da Missão de investigação e solidariedade do Cebrasp, o desenhista Carlos Latuff fez uma rápida visita às áreas Rio Pardo em Buritis, José e Nélío em Jacinópolis, Raio do Sol e Canaã em Ariquemes. Ele mora no Rio de Janeiro e tem um trabalho reconhecido mundialmente de apoio à causa Palestina, contra a violência policial sobre o povo nos morros cariocas e de apoio a causas populares nos quatro cantos do mundo. Latuff visitou várias casas de camponeses e viu com os próprios olhos um pouco de sua rotina, andou na mata, provou carne de caças, mingau de babaçu e até coró (larva de coco).

No dia 20 de outubro de 2009 cerca de 60 camponeses do Raio do Sol e Canaã fizeram uma calorosa recepção a Latuff. O novo barracão da assembléia foi todo decorado por mulheres e crianças: bandeiras da Palestina, MFP e LCP, murais com desenhos de Latuff e fotos locais, amostras de alguns alimentos produzidos na área e ferramentas de trabalho cuidadosamente arrumados formavam um belo arranjo sobre a mesa. Latuff retribuiu com um discurso contundente e belo, que transbordou ódio pelo latifúndio e admiração pela luta camponesa combativa.

Durante toda a visita, vários camponeses puderam ver Latuff fazendo o que melhor sabe fazer: desenhar. Depois de sua visita a Rondônia Latuff já produziu diversos desenhos, textos, poesias e vídeos publicados na internet, TV, jornais e revistas, inclusive de outros países. Isto ajuda muito a divulgar a luta camponesa combativa tão criminalizada pelo monopólio de comunicação.

Na entrevista que segue abaixo vocês poderão conhecer um pouco mais deste autêntico artista popular.

Jornal Resistência Camponesa: Como você começou a



desenhar e como aprimorou seu trabalho?

Latuff: Desde moleque. Eu era um garoto tímido, passava horas a fio vendo desenhos animados. Copiava os desenhos da TV para o papel. Meus pais me incentivavam, compravam lápis de cor, revistas para colorir e gibis. A gente não tinha grana pra comprar TV a cores naquela época, daí eu sabia como eram as cores dos personagens através das historinhas em quadrinhos. Fiz poucos cursos na vida, na verdade dois apenas. A maior parte do que aprendi foi por conta própria mesmo.

RC: O que fez despertar sua consciência política e seu interesse pelas lutas populares?

Latuff: Um documentário que assisti sobre o levante Zapatista em Chiapas, nos anos 90. A resistência dos indígenas mexicanos me tocou profundamente. [Latuff tinha então 22 anos]

RC: Conte para os camponeses do norte do país o que o monopólio da imprensa não fala sobre a ação da polícia nas vilas e favelas do Rio de Janeiro?

Latuff: Brutal. Assemelha-se as operações de busca

e destruição levadas a cabo pelo exército dos EUA durante a Guerra do Vietnã. A polícia no Brasil e, particularmente no Rio de Janeiro, tem uma abordagem de infantaria, o importante não é prender o criminoso e sim eliminar fisicamente o inimigo. E não existe preocupação com civis. Se no processo pessoas inocentes morrem, isso é tido como "baixa de guerra". O fato da polícia civil carioca ter um helicóptero blindado cujo modelo é semelhante aqueles usados no Vietnã é mais uma prova disso.

RC: Em quais países você já esteve acompanhando de perto lutas populares? O que te chamou mais atenção?

Latuff: Sem dúvida minha viagem a Palestina no final de 1998 e minha visita aos campos de refugiados palestinos em maio passado. Mas esse ano de 2009 foi realmente impactante pra mim. Num espaço de alguns meses estive na Jordânia, no Líbano, em Paris e no interior de Rondônia.

RC: A heroica resistência palestina contra a ocupação israelense e seus ataques genocidas está presente na maioria de seus trabalhos, como você poderia explicar em poucas palavras esta importante luta?

Latuff: Olha, costumo dizer que minha relação com os palestinos já transcendeu a questão política ou social. É amor mesmo que sinto por eles. Se Israel tem sido ponta-de-lança das políticas imperialistas de Washington no Oriente Médio, os palestinos tem sido seu maior obstáculo. Posso resumir a impressão que tenho dos palestinos a partir de um grafite que vi na cidade de Ramalah: "Não somos baratas que você possa pisar. Somos minas. Você

pisa e nós explodimos". Um povo como aquele, que resiste a um dos exércitos mais poderosos do planeta, é algo que jamais pensei em ver na vida. Israel pode partir cada osso do corpo de um palestino, mas não os coloca de joelhos, seu espírito, esse é indomável e invencível. O palestino está sempre resistindo seja pela força das armas, das palavras, das poesias, das canções, da arte. Ô povo maravilhoso...

RC: Você acha que um artista deve colocar sua arte a serviço do povo? Fale-nos um pouco sobre isto.

Latuff: Não creio que o artista deva ser 100% engajado todo o tempo, mas certamente deve ter a consciência de que, de posse de uma habilidade, esta deva ser usada em prol do coletivo. Se a arte em si não transforma, que ela esteja a serviço dos agentes da transformação. Não sou um revolucionário, longe disso, mas ofereço meu traço aos que participam das pequenas e grandes revoluções.

RC: Conte pra nós as perseguições que você tem sofrido devido ao seu trabalho.

Latuff: Por três vezes fui obrigado a prestar depoimento em delegacia só por fazer desenhos alusivos a violência e corrupção policiais no Rio.

Eu já nem esquento mais a cabeça com isso. O último email que recebi foi de um líder evangélico canadense, Charles Edgbaston, me ameaçando pelas minhas críticas ao Estado de Israel. Disse inclusive que mandaria seus seguidores no Rio e em São Paulo ficar de olho em mim.

Na época em que um site associado ao Likud fez ameaças contra mim, cheguei a receber a informação de que bandidos comuns estariam sendo pagos aqui para me matar, simulando um assalto. Não esquento mesmo. Ninguém vive pra sempre. Mas a arte sobrevive, isso é o que realmente importa.

RC: Uma camponesa nos perguntou: "O que fez o Latuff vir do Rio de Janeiro até aqui? Estava em busca de aventuras ou de conhecer lugares novos?" Por favor, responda você mesmo.

Latuff: Nem uma coisa nem outra, o Cebraspo me convidou porque entendeu que pela minha ligação com os movimentos populares dentro e fora do Brasil eu devesse ter um contato pessoal com a luta dos camponeses pobres de Rondônia. E depois que a gente vê a realidade nua e crua temos condições de discutir o assunto com mais propriedade.

RC: O que achou da luta camponesa que conheceu aqui em Rondônia?

Latuff: Creio que em matéria de resistência popular, os camponeses de Rondônia são os mais avançados que já vi até hoje no Brasil.



Camponesa apresenta produção das áreas

O carinho com que fui recebido, acredite, jamais vou esquecer. Pra alguém que nasceu e foi criado numa grande cidade como o Rio de Janeiro, foi um grande impacto viver um pouco da rotina do camponês amazônico. Não que eu tenha uma vida de luxos. Moro com meus pais numa casa cuja área em metros quadrados é menor que qualquer uma das residências que vi em Rio Pardo. Mas comparado com a vida dos lavradores que conheci, sou um burguês vivendo em Paris.

Sabe, agora compreendo melhor o simbolismo da bandeira Palestina estendida pelos camponeses na escola durante minha visita. A princípio me pareceu uma homenagem aos meus anos me solidarizando com o povo palestino. Mas se a gente pensar bem, os palestinos e os camponeses pobres do interior de Rondônia guardam grandes semelhanças entre si. Eles lutam pela terra, enfrentam inimigos poderosos e não baixam a cabeça nunca. Aqueles que vencem a floresta amazônica, suas onças, suas malárias e as emboscadas de pistoleiros merecem, com todo mérito, serem chamados de "Os Palestinos da Amazônia".



Minha cabeça ainda continua aí. Ando pela rua, vejo as árvores e lembro do verde da floresta amazônica. Não tem passado um só dia que eu não me lembre das pessoas daí, dos lugares que vi, das coisas que aprendi. Se eu não trouxe a malária aqui pro Rio, por certo fui contaminado sim pela força daqueles que

têm os pés na terra e coração altivo. A selva e seu povo estão dentro de mim agora.

RC: Deixe uma mensagem final aos leitores do Jornal Resistência Camponesa.

Latuff: Queria deixar registrado meu respeito e admiração pelo povo pobre e valente, que tão bem me recebeu, e continuar a honrar sua confiança. Espero que com os materiais que estou preparando a partir de minha visita ao interior de Rondônia, possa dar minha humilde contribuição para uma maior visibilidade a essa população tão digna, os Palestinos da Amazônia.

Só o povo organizado vai acabar com o analfabetismo!

A Escola Popular lançou a idéia: o povo deve resolver com suas próprias mãos o analfabetismo de jovens e adultos, maior problema da educação. Com todo entusiasmo camponeses abraçaram a Campanha de Alfabetização, pensaram e debateram, arregaçaram as mangas e botaram mãos à obra! Contaram com amigos sinceros que ajudam sem querer ganhar nada em troca. A cada visita de casa em casa, a cada reunião e assembléia a idéia inicial foi sendo incrementada, apurada. O povo não fez só o trabalho braçal, tão importante, dirigiram toda a construção de verdadeiras Escolas Populares, tijolo por tijolo, segundo seus interesses.

E o que estava na cabeça de todos foi se transformando em realidade concreta. Camponeses, contribuintes, professores, médios proprietários vizinhos contribuíram com trabalho, alimentos, dinheiro e materiais. Cada um dava o que podia. E o pouco de cada um foi juntando e virou muito.



Mais uma construção coletiva

O trabalho coletivo de camponeses do Raio do Sol e de apoiadores construiu um lindo barracão que serve para as Assembléias, para as aulas, para festas e celebrações religiosas.

Esta construção foi uma lição para todos da força do povo unido num objetivo comum. No início, quando estavam arrecadando os materiais, muitos não acreditavam que o barracão sairia. Mas alguns camponeses tomaram a frente de todas as etapas da construção e com o trabalho unido da maioria ele foi erguido.

Duas turmas no Raio do Sol

Os alunos que ainda não sabem ler nem escrever e a professora, que é uma camponesa da área formam a turma da 1ª fase e já começaram a desvendar os mistérios das letras e palavras. Aqueles que já sabem ler e escrever estudam na turma da 2ª fase, onde melhoram o que já sabem, trabalham a interpretação de texto. Precisamos entender o que lemos! E também aprimoram sua matemática, afinal, quem vai pagar a conta tem que conferi-la.

No final de 2009 a Escola Popular também ofereceu aulas de reforço às crianças. Aos sábados eles se reuniram por 4

horas. As tarefas começavam no campinho com futebol e pula-corda. Criança tem que brincar! Já no barracão, tinha a hora da cantoria e de fazer arte. As crianças produziram vários desenhos bonitos, criativos e cheios de cor. Depois, tinha a hora de reforçar as contas de matemática, e por incrível que pareça, as crianças gostavam muito e a professora quase não dava conta de tantos pedidos de exercícios e correções.



Adultos e crianças participam da Campanha de Alfabetização

Uma turma no Canaã

No Canaã estão funcionando duas turmas de alfabetização de um projeto do governo. A Escola Popular apóia os professores deste projeto, ajudou na divulgação e na montagem das turmas, na formação dos professores e na preparação das aulas. Em pouco tempo de aula alguns alunos já aprenderam a ler e escrever as primeiras palavras. Em outra parte da área Canaã, a Escola Popular está com uma turma de 1ª fase.

As professoras nunca tinham dado aula para jovens e adultos. Assim como os alunos estão aprendendo a ler e escrever, elas estão aprendendo a dar aulas. Elas tiveram suas primeiras noções de como dar aulas no curso de formação da Campanha de Alfabetização. E também têm se ajudado umas às outras, se reunindo para prepararem as aulas.

As mulheres estão na frente da Campanha de Alfabetização

Em quase todas as tarefas da Campanha as mulheres tiveram um papel destacado. Elas foram as que mais debateram e deram idéias, elas que puxaram todos os camponeses, quase todos professores são mulheres, algumas estão dando aula até sem receber.

É claro que elas não estão trabalhando sozinhas e nem é este o objetivo da Escola Popular, que quer unir toda a coletividade. Mas há um incentivo para que as mulheres dirijam a Escola Popular, primeiro por que na maioria das

vezes são elas que acompanham a vida escolar dos filhos, portanto elas têm mais experiência nesta área. Segundo, para que as mulheres possam assumir a responsabilidade por uma tarefa coletiva. Com isto, ela não fica só dentro de casa e mostra na prática que tem a mesma capacidade que o homem para dirigir algo de importante para todos. As mulheres sempre participam ativamente das tarefas da luta e da vida coletiva, mas quase nunca assumem cargos de direção por conta do machismo que impera na sociedade de classes. Esta é uma idéia das classes dominantes imposta para manter metade do povo fora de combate, enfiada em casa, tendo toda sua energia absorvida pelas tarefas domésticas. A Campanha de Alfabetização tem sido um importante instrumento tanto para homens como mulheres romperem com este atraso.



Celebração do dia das crianças no Canaã / Raio do Sol

Confraternizações e atividades recreativas aumentam a união do povo

Que bonito é ver o povo trabalhando, lutando e vivendo com união! E nossa vida não pode ser só trabalho e luta, também tem que ter diversão, prática de esportes e arte. Nestas atividades os camponeses aproveitam para conhecer melhor uns aos outros.

Uma animada festa do Dia das Crianças foi a primeira atividade realizada no barracão do Raio do Sol. A idéia partiu de uma das várias reuniões de mulheres sobre a Campanha de Alfabetização. Elas arrecadaram os brinquedos e doces que foram distribuídos e sorteados, os ingredientes do enorme bolo com suco que foi servido com fartura para todos. No dia, as crianças brincaram de corrida, corrida de saco e cabo de guerra. No final, até os adultos entraram na farra. Ao todo, participaram 85 pessoas, inclusive camponeses do Canaã e sítios vizinhos.

As mulheres ainda organizaram o dia dos pais, também teve uma celebração religiosa, e decidiram fazer todos os meses uma festa com os aniversariantes do mês para ninguém ficar sem comemorar. Em todas teve bolo e suco e os ingredientes foram arrecadados de casa em casa.

Todos à Campanha de Alfabetização

Segundo os coordenadores da Escola Popular este chamado segue porque o trabalho continua. A Campanha de Alfabetização será ampliada para outras áreas, além



Festas organizadas pelos camponeses celebram aniversariantes do mês

de ser preciso também arrecadar recursos para acabar a construção do barracão do Raio do Sol, para comprar um motor estacionário para organizar atividades culturais, como sessões de cinema e noites dançantes. Uma grande propaganda da Campanha de Alfabetização precisa ser feita para animar os camponeses analfabetos que ainda não estão estudando.

Os camponeses precisam elevar seus conhecimentos, para vencerem dificuldades do dia a dia, como pegar um ônibus certo, saber qual o remédio dar para o filho, não depender de outra pessoa

para ler ou escrever um bilhete. E para fazermos avançar a luta. Eles têm que ler e entender os panfletos e jornais da luta, as ordens judiciais e notícias mentirosas da imprensa a serviço do latifúndio.

A campanha de alfabetização estimula todos camponeses a participarem ativamente da Revolução Agrária cada vez com mais consciência de todas suas tarefas. É preciso avançar a luta por destruir todo o latifúndio do Brasil e com ele o analfabetismo, a fome, a injustiça e a violência contra os pobres. Para tomar parte da construção de um novo país, onde seja o povo que realmente governe, onde todos os camponeses tenham terra para trabalhar e para ensinar seus filhos desde cedo a trabalhar, para ter uma vida simples, mas com fartura.

Com a palavra, os camponeses

“Eu não sabia andar de bicicleta. Já estava com meus 50 anos. Numa noite eu sonhei, pensei: se os outros podem aprender eu também posso. Caí, machuquei, mas hoje eu ando e carrego qualquer um. Com a leitura e escrita penso que é a mesma coisa, não tem idade para começar. Sinto inveja quando vejo uma pessoa lendo um papel. O que me faz mais falta é acompanhar o livro de cantos na igreja.”

“Eu com 12 anos tinha vergonha de estudar com crianças menores. A escola ficava a 10 Km da minha casa, e ainda tinha uma serra. Depois de adulta tentei estudar, mas tive que colocar o serviço em 1º lugar. Daí coloquei na cabeça que estudar não era pra mim. Quando vou na cidade quero ler o nome de uma loja, fazer compra, muitas vezes somos passados pra trás por que temos dificuldade em fazer conta.”

“Quando criança eu não tive oportunidade. Eu chorava pra ir pra escola. Esta oportunidade de criança surgiu agora. Vou fazer de tudo para esta escola começar e continuar.”

“Passava de frente à escola todo dia para levar almoço e merenda pro meu pai na roça e não tive oportunidade de estudar. Eu e meu irmão éramos os mais velhos e fomos o esteio da roça, sustentávamos os mais novos que puderam estudar. Depois aprendi a assinar meu nome e fazer umas continhas porque paguei uma professora. Depois estudei no Mobral, mas trabalhávamos das 6 da manhã às 6 da tarde, meu irmão também ia e de tão cansado ele chegava a dormir na aula. Não saber ler me dá um trabalho para pegar um ônibus, senha de banco.”

Dia Internacional da Mulher Trabalhadora



Mulheres cantam hino do MFP durante o 5º Congresso da LCP - Agosto de 2008

Este ano, o MFP – Movimento Feminino Popular realizou a celebração do 8 de março na área Raio do Sol. Os moradores, especialmente as camponesas, abraçaram com entusiasmo esta que já é uma tradição do MFP e tantos outros movimentos classistas mundo afora. Os preparativos da celebração começaram com uma reunião com camponesas e depois com um estudo sobre os princípios do MFP. As tarefas foram divididas inclusive entre os homens.

A celebração contou com a presença de quase 100 pessoas das áreas Raio do Sol, Canaã, Gonçalo, José e Nélio e Jarú. O barracão da Assembléia foi todo decorado com bandeiras do MFP, da LCP e da Palestina e um mural com fotos da luta popular, destacando a participação da mulher em todas as tarefas.

Logo na abertura, foi apresentado um teatro que contou a história de uma luta vitoriosa liderada por mulheres camponesas. Na peça, camponeses e apoiadores trancaram o ônibus escolar dentro da área, obrigando a prefeitura a enviar o transporte para buscar as crianças. Antes

desto, as camponesas enfrentaram uma promotora, o que prova que as mulheres do povo não têm que se unir com as mulheres das classes dominantes, não tem nada a celebrar e a lutar junto com suas opressoras.

A maioria dos atores do teatro era jovem. Eles são os que mais sentem necessidades de atividades recreativas e de integração e por isso mesmo são os maiores entusiastas de esportes e exercícios físicos, festas com música e dança, rodas de violão, filmes e teatros. Também são tarefas do MFP preparar atividades culturais e de lazer e apoiar a organização da juventude.

Depois do teatro, um grupo de mulheres cantou o hino do MFP “Lutadoras da Revolução” e deu-se início às falações. A primeira a falar foi uma camponesa do Raio do Sol que lembrou várias lutas na área: produção, resistência a despejo, construção de estrada e barracão da

Assembléia, funcionamento da Escola Popular. Em todas elas a mulher participou ativamente.

A representante do MFP afirmou que o 8 de março não é de todas as mulheres, é o Dia Internacional das Mulheres Trabalhadoras do campo e da cidade, principalmente as operárias e camponesas, que junto dos homens de sua classe

produzem todas as riquezas e ainda sofrem a mais infame opressão.

O representante da LCP deu vários exemplos do papel destacado das mulheres em várias lutas. Isto comprova que não há uma natureza feminina inferior ao homem. O que existe é uma opressão sexual contra as mulheres que a aprisiona na vida doméstica mesquinha e num papel submisso em relação ao homem. Esta ideologia reacionária imposta pertence e serve às classes dominantes que querem manter metade do povo – as mulheres – afastada da luta, fora de combate.

O ato encerrou-se com a comemoração dos aniversariantes do mês, iniciativa das mulheres do Raio do Sol e mais uma das tarefas do MFP: promover a integração e união dos camponeses.

Em 2010 completam-se 100 anos que a 2ª Conferência de Mulheres Socialistas definiu um Dia Internacional da Mulher Trabalhadora. Desde sua fundação, o MFP combate os movimentos feministas burgueses e revisionistas que desvirtuam o significado do 8 de março. Já é tradição do MFP celebrar esta data com seu verdadeiro caráter: um dia de luta de mulheres e homens das classes trabalhadoras, ombro a ombro, pela destruição do velho Estado e a construção revolucionária do novo poder de Nova Democracia, caminho para a construção do Socialismo.



8 de março na área Raio do Sol